

## A nossa Lusitânia

### OPINIÃO

**Guillermo Fernández Vara**

Presidente da região da Extremadura

Em algumas ocasiões atribuímos nomes atuais a realidades que não existiam, acontece quando falamos da Alemanha ou da Itália antes da sua unificação ou mencionamos a chegada dos fenícios a Espanha ou a Portugal, como se Cádiz e Lisboa formassem naquela época parte de dois países que ainda demorariam muitos séculos em nascer.

Estas incongruências históricas da linguagem, que por vezes utilizamos, não impedem que nos entendamos, porque os territórios passaram por muitas vicissitudes mas continuam a ser, em essência, os mesmos. É muito provável que uma paisagem única no mundo como a do montado, que vemos desde a província de Salamanca e o distrito de Castelo Branco até Huelva e o norte do Algarve, atravessando toda a Extremadura e o Alentejo, fosse também o mesmo *habitat* que viram os olhos do pastor lusitano Viriato ou daqueles que levantaram um Templo a Diana em Évora ou em Mérida.

A história da região da Extremadura não pode ser contada sem ter em conta o que hoje é Portugal. A província romana da Lusitânia abrangia a maior parte do território atual da Extremadura e todas as terras mais a ocidente da península desde o Douro até ao Algarve. Um mapa que voltaria a coincidir alguns séculos mais tarde com o do Reino Taifa de Badajoz. Posteriormente, os reinos cristãos foram estabelecendo as suas fronteiras por toda a península no seu avanço em direção a sul e quis o destino que Marvão estivesse a um lado e Valencia de Alcántara no outro, que Arronches ficasse em Portugal e La Codosera em Castela.

Mas os nossos povos superaram as fronteiras e desde 1986 caminham juntos numa Europa onde sempre fomos aliados. A União Europeia permitiu-nos acabar com os obstáculos aduaneiros e durante mais de três décadas conseguimos que A Raia fosse invisível, que as pessoas se habituassem a comprar, a residir, a trabalhar, a estudar ou a divertir-se no

## Nuestra Lusitania

### OPINIÓN

**Guillermo Fernández Vara**

Presidente de la Junta de Extremadura

En ocasiones atribuimos nombres actuales a realidades que no existían, ocurre cuando hablamos de Alemania o de Italia antes de su unificación o mencionamos la llegada de los fenicios a España o a Portugal, como si Cádiz y Lisboa formasen en aquella época parte de dos países que tardarían muchos siglos en nacer.

Estas incongruencias históricas del lenguaje que a veces utilizamos no impiden que nos entendamos, porque los territorios han pasado por muchas vicisitudes pero siguen siendo, en esencia, los mismos. Es muy probable que un paisaje único en el mundo como el de la dehesa, que vemos desde la provincia de Salamanca y el distrito de Castelo Branco hasta Huelva y el norte del Algarve, atravesando toda Extremadura y el Alentejo, fuese también el mismo hábitat que vieron los ojos de el pastor lusitano Viriato o de quienes levantaron un Templo a Diana en Évora o en Mérida.

La historia de la región extremeña no se puede relatar sin tener en cuenta lo que hoy es Portugal. La provincia romana de la Lusitania abarcaba la mayor parte del territorio actual de Extremadura y todas las tierras más occidentales de la península desde el Duero hasta al Algarve. Un mapa que volvería a coincidir siglos más tarde con el del reino taifa de Badajoz, el Reino Aftasí. Luego los reinos cristianos fueron estableciendo sus fronteras por toda la península en su avance hacia el sur y quiso el destino que Marvão estuviera a un lado y Valencia de Alcántara en el otro, que Arronches acabara en Portugal y La Codosera en Castilla.

Pero nuestros pueblos superaron las fronteras y desde 1986 caminan conjuntamente en una Europa en la que siempre fuimos aliados. La Unión Europea nos permitió acabar con los obstáculos aduaneros y durante más de tres décadas hemos hecho que La Raya sea invisible, que la gente se haya acostumbrado a comprar, a residir, a trabajar, a estudiar o a divertirse

outro país com uma naturalidade que teria sido impensável em meados do século passado. A cooperação transfronteiriça, promovida graças aos programas do Interreg, constituiu um impulso para iniciar uma dinâmica impossível de travar, porque foram tecidos vínculos de todo o tipo: económicos, comerciais, políticos, institucionais, culturais e, principalmente, humanos.

Nos últimos 30 anos temos vindo a aprender as nossas línguas em colégios e liceus, preenchemos as agendas culturais com artistas do outro país, os nossos estudantes participaram em encontros com jovens de ambos lados da Raia. Portugal é o principal destino das exportações da Extremadura e também é Portugal o país do qual mais produtos importamos os extremeños.

Em 2009 integrámo-nos com o Alentejo e a Região Centro de Portugal na eurorregião Euroace, na qual trabalhamos dia a dia em todos os âmbitos, desde promover conjuntamente os nossos atrativos turísticos em mercados longínquos até participarmos em projetos comuns de inovação, proteção social, empreendimento ou conservação do meio ambiente. Não há assunto que seja abordado na Extremadura que não se pense em termos transfronteiriços, que não tenha a forma pode ser partilhado com os nossos vizinhos para que tenha uma maior amplitude e para que possa beneficiar-nos a todos.

Os meses que a pandemia nos fechou as portas serviram para perceber o quanto precisamos uns dos outros, seja nos restaurantes de Elvas, nas lojas de Badajoz ou nas cidades da costa portuguesa onde muitos extremeños têm a sua segunda residência. Mas já não é possível voltar atrás. Um vírus poderá causar impedimentos temporais à mobilidade, como já o fez em cada vila e em cada cidade, mas será impossível voltar a levantar barreiras permanentes. Um dos pais da União Europeia, o francês de origem germano-luxemburguesa, Robert Schuman, disse que as fronteiras eram as cicatrizes da história. Sabia-o em primeira mão alguém que tinha vivido duas guerras mundiais e que conhecia a dor que tinham provocado os enfrentamentos na velha Europa durante a primeira metade do século XX. O seu

en el otro país con una naturalidad que habría sido impensable a mediados del siglo pasado. La cooperación transfronteriza, promovida gracias a los programas de Interreg, fue un impulso para iniciar una dinámica que ya no hay quien la pare, porque se han tejido vínculos de todo tipo: económicos, comerciales, políticos, institucionales, culturales y, principalmente, humanos.

En los últimos 30 años hemos aprendido nuestros idiomas en colegios e institutos, hemos llenado las agendas culturales con artistas del otro país, nuestros escolares han participado en encuentros con jóvenes de ambos lados de la Raya. Portugal es el principal destino de las exportaciones extremeñas y también es Portugal el país del que más importamos los extremeños.

En 2009 nos integramos con Alentejo y Centro en la eurorregión Euroace en la que trabajamos día a día en todos los ámbitos, desde promocionar conjuntamente nuestros atractivos turísticos en mercados lejanos hasta implicarnos en proyectos comunes de innovación, protección social, emprendimiento o conservación medioambiental. No hay asunto que se aborde en Extremadura que no se piense en clave transfronteriza, que no tenga en cuenta de qué manera puede compartirse con nuestros vecinos para que tenga un mayor alcance y para que pueda beneficiarnos a todos.

Los meses que la pandemia nos ha cerrado las puertas han servido para darnos cuenta de lo mucho que nos necesitábamos, en los restaurantes de Elvas, en las tiendas de Badajoz o en las ciudades de la costa portuguesa donde muchos extremeños tienen su segunda casa. Pero no hay vuelta atrás. Un virus nos podrá poner impedimentos temporales a la movilidad, como lo ha hecho en cada pueblo y en cada ciudad, pero será imposible volver a levantar barreras permanentes. Uno de los padres de la Unión Europea, el francés de origen germano-luxemburgués Robert Schuman, dijo que las fronteras eran las cicatrices de la historia. Lo sabía de primera mano alguien que había vivido dos guerras mundiales y que conocía el dolor que habían provocado los enfrentamientos en la vieja Europa durante la primera mitad del siglo XX. Su empeño en curar las heridas y ver las cicatrices como

empenho em curar as feridas e ver as cicatrizes como uma simples memória do passado é hoje a união Europeia, um espaço que não está isento de dificuldades mas que é infinitamente melhor do que qualquer outra opção.

Em Mérida, naquela que foi a capital da Lusitânia romana, as pedras milenárias da Emérita Augusta voltam a ver e a ouvir os autores greco-latinos num Festival de Teatro que celebra a sua 66.ª edição em 2020. Todos os anos recebemos a visita de centenas de portugueses que encontram junto ao Guadiana o berço da cultura comum. Há poucos anos o Museu Nacional de Arte Romano de Mérida e o Museu Nacional de Arqueologia de Portugal partilharam uma exposição de enorme êxito que levava o título de *Lusitânia Romana. Origem de dois Povos*. Hoje o adjetivo luso identifica-se com Portugal porque as palavras por vezes acabam por fazer referência a uma parte ou ao todo. Conhecer as nossas raízes comuns naquela província romana servirá para fortalecer as nossas já admiráveis relações atuais e assegurarmos que essas cicatrizes da história das que falava Schuman, que nem devemos nem queremos ocultar que existiram, continuem a ser o terreno mais fértil para avançar juntos.

Publicado no suplemento 1864 de sábado no Diário de Notícias. 18 de julho de 2020

un mero recuerdo del pasado es hoy la Unión Europea, un espacio que no está exento de dificultades pero que es infinitamente mejor que cualquier otra opción.

En Mérida, en la que fuera capital de la Lusitania, las piedras milenarias de Emérita Augusta vuelven a ver y escuchar a los autores greco-latinos en un Festival de Teatro que cumple 66 ediciones en 2020. Cada año nos visitan centenares de portugueses que encuentran junto al Guadiana la cuna de la cultura común. Hace unos años el Museo Nacional de Arte Romano de Mérida y el Museo Nacional de Arqueologia de Portugal compartieron una exposición de enorme éxito que llevaba por título *Lusitania Romana. Origen de dos Pueblos*. Hoy el adjetivo luso se identifica con Portugal porque las palabras a veces acaban refiriéndose a una parte o al todo. Conocer nuestras raíces comunes en aquella provincia romana servirá para fortalecer nuestras ya inmejorables relaciones actuales y para asegurarnos de que esas cicatrices de la historia de las que hablaba Schuman, que ni debemos ni queremos ocultar que existieron, continúen siendo el terreno más fértil para seguir avanzando juntos.

Publicado en el suplemento nº 1864 de los sábados en  
Diário de Notícias. 18 de julio de 2020